



**FACULDADE BATISTA DO RIO DE JANEIRO – FABAT
SEMINÁRIO TEOLÓGICO BATISTA DO SUL DO BRASIL**

PAULO ROBERTO CANTAGALO BATISTA

TEODICEIA NO SALMO 91, FÉ, SOFRIMENTO E A PRESENÇA DE DEUS:

Entre promessas de proteção e a realidade do sofrimento

RIO DE JANEIRO

2025

PAULO ROBERTO CANTAGALO BATISTA

TEODICEIA NO SALMO 91, FÉ, SOFRIMENTO E A PRESENÇA DE DEUS:

Entre promessas de proteção e a realidade do sofrimento

Artigo apresentado ao curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Batista do Rio de Janeiro, como requisito necessário à obtenção do título de bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Teresa Cristina dos Santos Akil de Oliveira

RIO DE JANEIRO

2025

TEODICEIA NO SALMO 91: FÉ, SOFRIMENTO E A PRESENÇA DE DEUS

Entre promessas de proteção e a realidade do sofrimento

Paulo Roberto Cantagalo Batista¹
Teresa Cristina dos Santos Akil de Oliveira²

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o Salmo 91 à luz da teodiceia, buscando compreender como suas promessas de proteção divina se relacionam com a realidade do sofrimento humano. Embora seja um dos textos mais citados em contextos devocionais, o Salmo 91 frequentemente é interpretado de forma literalista, como se garantisse isenção absoluta de perigos. A partir de autores clássicos e contemporâneos, como Santo Agostinho, C. S. Lewis, N. T. Wright, Sayão, Constable (SonicLight) e Omatilha, este estudo propõe uma leitura bíblico-teológica que reconhece o gênero do salmo, sua estrutura e seus elementos literários, sem desconectar a confiança do salmista da soberania divina diante do mal. A pesquisa dialoga ainda com perspectivas pastorais e acadêmicas sobre sofrimento, destacando o equilíbrio entre confiança, responsabilidade e realismo bíblico. A metodologia é bibliográfica, fundamentada em comentários, artigos acadêmicos e passagens correlatas das Escrituras. Conclui-se que o Salmo 91 não promete ausência de aflições, mas reafirma a presença fiel de Deus que sustenta e acompanha o justo em meio às adversidades.

Palavras-chave: Salmo 91; Teodiceia; Sofrimento; Proteção divina; confiança; literatura sapiencial; Presença de Deus

ABSTRACT: This article aims to analyze Psalm 91 in light of the problem of theodicy, seeking to understand how its promises of divine protection relate to the reality of human suffering. Although it is one of the most frequently quoted texts in devotional settings, Psalm 91 is often interpreted literalistically, as if it guaranteed absolute deliverance from all dangers. Drawing on classical and contemporary authors such as Augustine, C. S. Lewis, N. T. Wright, Sayão, Constable (SonicLight), and Omatilha this study proposes a biblical-theological reading that recognizes the psalm's genre, structure, and literary elements, without separating the psalmist's trust from divine sovereignty in the face of evil. The research also dialogues with pastoral and academic perspectives on suffering, highlighting the balance between confidence, responsibility, and biblical realism. The methodology is bibliographic, grounded in commentaries, academic articles, and related biblical passages. The conclusion is that Psalm 91 does not promise a life free of affliction, but affirms the faithful presence of God who sustains and accompanies the righteous amid adversity.

Key-words: Psalm 91; Theodicy; Suffering; Divine Protection; trust; wisdom literature; God's Presence.

¹ Casado com Kelly Cristina da Silva Gonçalves Batista, cursando Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro/Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, Tijuca, Rio de Janeiro - RJ. Membro da Igreja Presbiteriana Central de Macaé (Pr. Ivanilson Silva e Pr. Samuel Gomes).

² Pós-doutorado, Doutorado, Mestrado e Graduação em Teologia e Graduação em Comunicação Social.

INTRODUÇÃO

O Salmo 91 ocupa um lugar especial na espiritualidade cristã por expressar confiança profunda no cuidado de Deus. Sua linguagem poética, repleta de imagens de refúgio e proteção, tornou-o um dos textos mais conhecidos e citados das Escrituras. O mesmo salmo que consola também levanta um desafio: como compreender suas promessas diante da realidade do sofrimento e da presença do mal no mundo? Essa tensão não é nova. O próprio uso do Salmo 91 pelo tentador no episódio da tentação de Jesus (Mt 4.5–7) evidencia o risco de interpretações distorcidas e manipuladoras, que ignoram o contexto, o gênero literário e a teologia bíblica mais ampla.

Diante disso, este artigo parte da seguinte pergunta de pesquisa: *Como as promessas de proteção do Salmo 91 devem ser interpretadas à luz da teodiceia e da experiência do sofrimento humano?* Essa questão se torna relevante especialmente porque leituras triunfalistas do salmo ainda são comuns em ambientes religiosos, muitas vezes promovendo expectativas irreais ou culpabilizando quem sofre. A delimitação deste artigo concentra-se no Salmo 91 como salmo de confiança e busca relacioná-lo com uma compreensão bíblica equilibrada sobre sofrimento, proteção e presença de Deus.

A justificativa deste estudo envolve tanto aspectos teológicos quanto pastorais. Em uma época marcada por insegurança emocional e espiritual, interpretar o Salmo 91 de maneira responsável contribui para o fortalecimento da fé e evita usos devocionais que distorcem o caráter de Deus. Autores como Agostinho, C. S. Lewis e N. T. Wright abordam o sofrimento humano a partir de perspectivas que reconhecem sua complexidade e sua relação com o caráter justo e soberano de Deus. Da mesma forma, pesquisas acadêmicas sobre o salmo, como a análise estrutural de Omatilha e o comentário exegético de Thomas Constable, oferecem fundamentos sólidos para compreender sua mensagem original e seu lugar na teologia bíblica.

A metodologia adotada é de caráter bibliográfico, baseada na análise do texto do Salmo 91 em traduções contemporâneas, no estudo de comentários clássicos e recentes, artigos acadêmicos e obras de teologia sistemática. O estudo também dialoga com passagens correlatas das Escrituras que tratam de sofrimento, proteção divina e confiança (como Mt 4; Rm 8; 2Co 12). O objetivo é propor uma interpretação que una fidelidade ao texto bíblico e sensibilidade pastoral, evitando leituras mágicas do salmo e promovendo uma espiritualidade madura.

A organização deste artigo segue três movimentos principais. O Capítulo 1

apresenta o Salmo 91 em seu gênero literário, sua estrutura e suas imagens de proteção. O Capítulo 2 discute o sofrimento humano e as principais perspectivas teológicas sobre a teodiceia, relacionando-as com o tema do salmo. O Capítulo 3 propõe uma síntese pastoral e teológica, destacando confiança, responsabilidade e esperança como respostas bíblicas à tensão entre fé e sofrimento.

1 O SALMO 91 COMO SALMO DE CONFIANÇA

1.1. Gênero literário e características gerais do Salmo 91

O Salmo 91 pertence ao grupo dos Salmos de Confiança, composições em que o fiel expressa segurança na proteção e no cuidado de Deus em meio a situações de ameaça. Essa classificação aparece de forma recorrente na literatura acadêmica, tanto clássica quanto contemporânea. Segundo Omatilha, o salmo “se enquadra na categoria de salmos de confiança individual, nos quais o orante reconhece a proteção divina no contexto do perigo e reafirma sua dependência de YHWH”³. Essa compreensão é importante porque preserva o texto de leituras triunfalistas, mantendo-o dentro de seu propósito original: afirmar que Deus está presente e não que o justo jamais sofrerá.

A estrutura do salmo reforça essa natureza. Omatilha divide o texto em quatro seções:

- (1) vv. 1–2: a declaração de confiança;
- (2) vv. 3–8: as promessas ao fiel;
- (3) vv. 9–13: a reafirmação do livramento;
- (4) vv. 14–16: a fala divina que sela as promessas.

Essa divisão mostra que o salmo é cuidadosamente organizado para conduzir o leitor da confiança inicial à certeza final da presença de Deus. Thomas Constable, em seu comentário *SonicLight*, observa que o salmo “não é uma garantia mecânica de proteção, mas uma declaração teológica baseada na relação entre o fiel e o seu Deus”⁴. Em outras palavras, o salmo não deve ser lido como contrato, mas como confissão de fé, típica dos Salmos de Confiança, como o Salmo 23 e o Salmo 121.

O centro teológico do salmo se expressa nos nomes atribuídos a Deus: “Altíssimo”, “Onipotente”, “Senhor”, “Meu Deus” (vv. 1–2). Esses títulos comunicam

³ OMATILHA, *Salmo 91: Uma Exaltação de YHWH Protetor*, p. 2-3

⁴ CONSTABLE, *notes on Psalms*

transcendência, governo e proximidade. Agostinho interpreta esses nomes como marcas da “conversão do coração que abandona a autoconfiança para descansar na proteção do Altíssimo”⁵. Já Swindoll destaca que as imagens, (sombra, refúgio, abrigo), reforçam a proximidade afetiva de Deus, que não apenas comanda o universo, mas também acolhe o fiel em sua presença⁶. O gênero literário e a teologia do Salmo 91 apontam para uma verdade fundamental: confiança não significa ausência de sofrimento, mas presença de Deus em meio ao sofrimento.

1.2. Estrutura poética e imagens de proteção

O Salmo 91 utiliza metáforas fortes e expressivas, típicas da poesia hebraica. O salmista afirma que Deus é “refúgio”, “fortaleza”, “sombra”, “asas”, “escudo”, “trincheira”. Omatilha explica que tais imagens funcionam como “âncoras teológicas para expressar o cuidado de Deus em dimensões que transcendem a proteção humana comum”⁷. A imagem das “asas” (v. 4), por exemplo, é recorrente no Antigo Testamento (cf. Sl 17.8; 36.7), sempre associada ao cuidado protetor de Deus. Constable observa que essa figura “evoca a ternura de uma ave que protege seus filhotes, indicando tanto poder quanto proximidade”⁸. A metáfora do “escudo” (v. 4) reforça a ideia de defesa ativa: Deus não apenas acolhe, Ele luta em favor do justo.

A literatura patrística também oferece contribuições relevantes. Agostinho interpreta as imagens do salmo como “expressões espirituais da segurança interior que o coração encontra na verdade de Deus, mesmo quando externamente enfrenta males”⁹. C. S. Lewis acrescenta que tais metáforas são essenciais para a fé cristã, pois permitem ao fiel enxergar a ação de Deus em dimensões que superam a racionalidade limitada humana¹⁰. A força do salmo está em mostrar que o justo não está livre do perigo, ele está protegido em meio ao perigo. O verso “Mil poderão cair ao teu lado” (v. 7) deve ser lido não como promessa de invulnerabilidade, mas como expressão literária da confiança extrema que caracteriza os salmos de confiança. Wright explica que essa linguagem hiperbólica “reflete a forma hebraica de afirmar a supremacia do cuidado divino, sem

⁵ AGOSTINHO, *Exposições sobre os Salmos*

⁶ SWINDOLL, *vivendo os Salmos*

⁷ OMATILHA, *Salmo 91: Uma Exaltação de YHWH Protetor*

⁸ CONSTABLE, *notes on Psalms*

⁹ AGOSTINHO, *Exposições sobre os Salmos*

¹⁰ LEWIS, *O Problema do Sofrimento*

negar a realidade do sofrimento no mundo caído”¹¹. A estrutura e as imagens do salmo apontam para uma espiritualidade madura, que reconhece tanto a beleza quanto a dor da existência humana, e que encontra na presença de Deus seu motivo de esperança.

1.3. O Salmo 91 e o contexto da teodiceia

A teodiceia, a pergunta sobre como um Deus bom e poderoso permite o sofrimento, encontra eco no Salmo 91. Ao mesmo tempo em que o texto promete cuidado divino, a Bíblia apresenta inúmeras situações em que justos sofrem (cf. Jó, Jeremias, 2Co 12.7–10). C. S. Lewis lembra que a fé cristã não elimina o problema do sofrimento, mas “o coloca no único lugar onde pode ser enfrentado: na confiança em um Deus que ama, mas que não prometeu poupar seus servos de toda dor”¹².

Sayão, ao tratar do sofrimento em Habacuque, afirma que “a fé que amadurece é aquela que confia em Deus não apenas pelo livramento, mas apesar da ausência dele”¹³. Essa perspectiva ajuda a compreender o Salmo 91 como um texto que não nega a existência do mal, mas afirma que o mal não tem a palavra final sobre a vida do justo. Bonhoeffer, refletindo sobre sofrimento e obediência, acrescenta que a confiança cristã não é passiva, mas responsiva: o discípulo não confia porque entende, mas porque conhece Aquele em quem confia¹⁴.

Nesse sentido, o Salmo 91 não promete isenção, mas companheirismo divino: “Estarei com ele na angústia” (v. 15). Essa frase é o antídoto necessário contra interpretações mecanicistas. Constable insiste: “a promessa central do salmo não é evitar o sofrimento, mas garantir a presença de Deus no meio dele”¹⁵. O Salmo 91 ocupa um lugar importante no diálogo entre fé e sofrimento, apresentando a confiança como resposta madura diante da tensão da teodiceia.

1.4. Uma leitura cristológica do Salmo 91

O Novo Testamento oferece uma leitura essencial para interpretar o Salmo 91: Jesus rejeita o uso distorcido do texto durante a tentação (Mt 4.5–7). Ao recusar

¹¹ WRIGHT, N. T., *Salmos*

¹² LEWIS, *O Problema do Sofrimento*

¹³ SAYÃO, *O Problema do Mal no AT*

¹⁴ BONHOEFFER, *Discipulado*

¹⁵ CONSTABLE, *Notes on Psalms*

transformar o salmo em um amuleto religioso, Cristo ensina que a confiança não autoriza presunção. Wright destaca que a resposta de Jesus, “Não tentarás o Senhor teu Deus”, protege o salmo de leituras mágicas e coloca a dependência da vontade do Pai acima de qualquer expectativa de livramento¹⁶. Para Agostinho, Cristo é “a plena expressão daquele que descansa à sombra do Altíssimo”, pois n’Ele se cumpre a verdadeira confiança¹⁷. A interpretação cristológica não anula o sentido original do salmo, mas o amplia, mostrando que a proteção divina culmina na obra redentora de Cristo, que venceu o mal de forma definitiva. Uma leitura cristã do Salmo 91 deve reconhecer que a proteção divina não se manifesta apenas como livramento terreno, mas como pertencimento eterno ao Deus que guarda, sustenta e ressuscita.

1. O problema do mal e a teodiceia cristã

1.1 O mal como desafio à fé

O problema do mal é um dos temas mais antigos e complexos da teologia cristã. Desde o Éden, o ser humano lida com a tensão entre o bem que Deus criou e o mal que corrompe a criação. Quando o salmista declara que Deus “*livrará você do laço do caçador e do veneno mortal*”¹⁸, surge a pergunta inevitável: por que, então, os justos também adoecem, sofrem e morrem? O Salmo 91 parece prometer segurança total, mas a experiência humana mostra que o sofrimento é real. É nesse ponto que surge a necessidade da *teodiceia*, o esforço de compreender a justiça de Deus diante do mal.

O mal não é uma substância criada por Deus, mas a ausência do bem. “*Tudo o que existe é bom, enquanto existe; o mal é simplesmente a corrupção do bem*”¹⁹. Essa visão preserva a bondade divina e coloca a origem do mal na liberdade criada. O ser humano ao se afastar de Deus, produz o vazio que chamamos de mal. A *teodiceia* agostiniana, não busca culpar Deus, mas compreender a liberdade humana e suas consequências.

A realidade do mal é também um chamado à fé. Assim como o profeta Habacuque, o crente é convidado a confiar mesmo quando não entende os caminhos de Deus. Ao

¹⁶ WRIGHT, *Como Deus se tornou Rei*

¹⁷ AGOSTINHO, *Exposições sobre os Salmos*

¹⁸ Salmo 91:3, NVI

¹⁹ AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos (101–150)*, Vol. 9/3. São Paulo: Paulus, 2009, p. 46

refletir sobre o sofrimento do justo, “*a fé não é a negação da realidade, mas a firme confiança de que Deus permanece justo mesmo quando tudo parece contrário*”²⁰. O Salmo 91 não nega o perigo, mas afirma que a presença divina é suficiente para sustentar o justo em meio às provações.

1.2 A liberdade humana e o propósito de Deus

Um dos argumentos mais fortes da teologia cristã é o de que o mal só é possível por causa da liberdade. “*Um mundo com criaturas livres moralmente é mais valioso do que um mundo sem liberdade e sem amor*”²¹. Deus poderia criar seres incapazes de errar, mas isso significaria eliminar o amor verdadeiro, que só existe onde há escolha. O mal é consequência da liberdade, não dá vontade direta de Deus.

Essa liberdade não está fora do controle divino. Ao tratar da providência, “*Deus não é o autor do mal, mas o Senhor que o limita e o utiliza para cumprir seus propósitos*”²². Essa perspectiva traz consolo ao crente, pois revela que o sofrimento não é um acidente, mas parte de um plano redentor. Deus continua soberano, mesmo quando não entendemos o porquê das coisas.

As Escrituras reforçam essa verdade. O apóstolo Paulo declara que “*sabemos que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam*”²³. Essa afirmação não significa que tudo o que acontece é bom, mas que Deus é capaz de transformar até o mal em instrumento de graça. No contexto do Salmo 91, isso se manifesta na promessa de presença: “*Ele clamará a mim, e eu lhe darei resposta; e na adversidade estarei com ele*”²⁴. A promessa não é ausência de adversidade, mas presença divina nela.

Podemos ver isso claramente na vida de José do Egito. Ele sofreu traição, escravidão e prisão, coisas ruins causados pelo mal-uso da liberdade humana. Em nenhum momento Deus o abandonou. Pelo contrário, estava com ele em cada situação, até que no final José pôde dizer a seus irmãos: “*vocês planejaram o mal contra mim, mas Deus transformou isso em bem*”²⁵. Isso nos mostra que Deus não impede todas as consequências do mal, mas age dentro delas para cumprir seus propósitos.

²⁰ SAYÃO, Luiz. *O Problema do Mal no Antigo Testamento: O Caso de Habacuque*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 7.

²¹ PLANTINGA, Alvin. *Deus, a Liberdade e o Mal*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p. 39.

²² ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 414.

²³ Romanos 8:28, NVI.

²⁴ Salmo 91:15, NVI.

²⁵ Gênesis 50:20, NVI

Isso tem tudo a ver com o Salmo 91. Quando o salmo fala de proteção, não está dizendo que seremos poupados de toda dificuldade, mas que em meio aos problemas, Deus estará conosco. A verdadeira segurança não está em evitar o sofrimento, mas em experimentar a companhia de Deus no meio dele. Como diz o próprio salmo, “*na adversidade estarei com ele*”, essa é a essência da proteção divina.

Quando enfrentamos momentos difíceis, não precisamos questionar “por que Deus permitiu isso? Mas podemos confiar que Ele está no controle, mesmo quando não entendemos. Nossa fé não nos isenta do sofrimento, mas nos garante que nenhum sofrimento é em vão quando colocamos nossa vida nas mãos de Deus. Ele usa até as situações mais dolorosas para nos aproximar dEle e para cumprir seus planos em nossa vida.

1.3 O sofrimento na tradição cristã

Na história da teologia, o sofrimento foi interpretado de diferentes maneiras. Para os pais da igreja, como Agostinho e Gregório de Nissa, ele era visto como instrumento de purificação. Já para os reformadores, como Lutero, o sofrimento fazia parte da cruz de Cristo compartilhada com seus discípulos. “*O sofrimento é o megafone de Deus para despertar um mundo surdo*”²⁶, lembrando que a dor tem uma função pedagógica na vida espiritual.

Essa mesma compreensão aparece nas reflexões contemporâneas. “*A oração dos salmos não é fuga do sofrimento, mas encontro com o Deus que o transforma em esperança*”²⁷. O Salmo 91, não é uma fuga da realidade, mas uma confissão de fé que reconhece o poder e a presença de Deus em meio à dor. O justo pode não entender o motivo do mal, mas encontra descanso ao saber que Deus é fiel.

Na perspectiva pastoral, “*a fé não elimina o medo, mas o coloca sob controle, lembrando-nos de que Deus continua no trono*”²⁸. O sofrimento, então, é parte da formação espiritual do crente. Assim como o salmista aprende a confiar sob as asas do Altíssimo, o cristão é convidado a viver sob a graça que sustenta.

Podemos ver isso na vida de muitos personagens bíblicos. Jó, por exemplo, nunca

²⁶ LEWIS, C. S. *O Problema do Sofrimento*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 47.

²⁷ WRIGHT, N. T. *Salmos: contextos históricos, literários e espirituais para resgatar o significado do hinário do antigo Israel*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 21.

²⁸ SWINDOLL, Charles. *Vivendo Salmos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 12.

soube o motivo de tanto sofrimento, mas manteve sua confiança em Deus. No final, ele pôde dizer: *"Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram"*²⁹. Seu sofrimento não foi em vão - ele o levou a um encontro mais profundo com Deus.

Da mesma forma, o apóstolo Paulo entendeu que seu *"espinho na carne"* (2 Coríntios 12:7), embora doloroso, tinha um propósito: mantê-lo humilde e dependente da graça de Deus. Ele descobriu que o poder de Deus se manifesta na fraqueza, e que quando estamos fracos é que estamos fortes naquele que nos sustenta.

Isso nos ajuda a entender que o Salmo 91 não é sobre evitar o sofrimento, mas sobre encontrar refúgio em Deus durante o sofrimento. Como Jesus disse aos seus discípulos: *"Eu disse isso para que em mim vocês tenham paz. Neste mundo, vocês terão aflições; contudo, tenham coragem! Eu venci o mundo"*.³⁰ A promessa não é de ausência de problemas, mas de presença e vitória em meio a eles.

Para a igreja hoje, essa compreensão traz um grande alento. Em vez de buscar uma fé que elimine todo sofrimento, somos chamados a cultivar uma fé que nos sustente no sofrimento. Os mesmos "pais da igreja" que viam o sofrimento como purificação também ensinavam que ele nos prepara para melhor consolar outros que passam por dores (2 Coríntios 1:4). Cada experiência de dor, quando vivida na presença de Deus, se transforma em oportunidade de crescimento e serviço.

1.4 A teodiceia como caminho de esperança

Ao longo da tradição cristã, a teodiceia não buscou eliminar o mistério, mas transformá-lo em esperança. A fé bíblica não tenta explicar Deus, mas confiar nele. O profeta Isaías afirma: *"Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos"*³¹. O cristão, ao enfrentar o mal, é convidado a descansar nessa verdade.

Santo Agostinho descreve a jornada do justo como um processo de purificação: *"O sofrimento presente não destrói o justo, mas o aperfeiçoa, pois ele aprende a amar a Deus por Ele mesmo"*³². *"Deus sussurra em nossos prazeres, fala em nossa consciência, mas grita em nossas dores"*³³. A dor se torna o contexto em que a graça se revela com

²⁹ Jó 42:5, NVI

³⁰ João 16:33, NVI

³¹ Isaías 55:8, NVI

³² AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos (101–150)*, Vol. 9/3. São Paulo: Paulus, 2009, p. 49.

³³ LEWIS, C. S. *O Problema do Sofrimento*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 47.

maior intensidade.

Em Cristo, a *teodiceia* encontra sua resposta final. O Filho de Deus sofreu a injustiça máxima da cruz para revelar o amor máximo de Deus. O Salmo 91 ganha então uma nova leitura à luz da cruz: a proteção prometida não é a ausência da morte, mas a vitória sobre ela. “*o sofrimento de Cristo é o lugar onde a justiça e o amor de Deus se beijam*”³⁴. O mal, portanto, não tem a última palavra, a esperança tem.

Quando olhamos para a cruz, entendemos que Deus não está distante do nosso sofrimento. Ele mesmo entrou nele, experimentou a dor mais profunda e transformou o pior mal, a morte do Filho de Deus, na maior bênção, nossa salvação. Isso nos mostra que Deus pode pegar as situações mais dolorosas de nossa vida e delas extrair bênçãos que nem imaginamos.

É por isso que o apóstolo Paulo pode dizer com tanta convicção: “*Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro*”³⁵. Ele havia aprendido que nem a vida nem a morte poderiam separá-lo do amor de Deus. Essa é a esperança que sustenta o crente: saber que não importa o que aconteça, estamos nas mãos de um Deus que venceu a morte e que transforma até o sofrimento em caminho de vida.

Na prática da igreja, isso significa que podemos enfrentar as dificuldades sem medo. Quando oramos o Salmo 91, não estamos pedindo para não sofrer, mas confessando que cremos em um Deus que está conosco no sofrimento e que já garantiu nossa vitória final. Como diz outra passagem: “*Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou*”³⁶.

A *teodiceia* nos leva não a uma explicação completa do sofrimento, mas a uma pessoa – Jesus Cristo. Nele encontramos não apenas respostas, mas a força para continuar confiando quando as respostas não vêm. A esperança cristã não está na ausência de problemas, mas na presença de Deus em meio a eles, e na certeza de que um dia “*não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor*”³⁷.

O problema do mal continua sendo um mistério, mas não um obstáculo à fé. O Salmo 91, lido à luz da teodiceia cristã, revela que Deus não promete eliminar o mal, mas redimir a história. O sofrimento se torna um meio de amadurecimento espiritual, e a confiança em Deus supera a necessidade de respostas imediatas. O mal não anula a

³⁴ WRIGHT, N. T. *Salmos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 23.

³⁵ Filipenses 1:21

³⁶ Romanos 8:37

³⁷ Apocalipse 21:4

bondade de Deus; apenas ressalta sua graça que age no meio da dor. Essa verdade prepara o terreno para o próximo tópico, onde a fé, o lamento e a esperança se unem como resposta cristã diante do sofrimento.

2. Fé, sofrimento e a presença de Deus

2.1 A fé como resposta ao sofrimento

A fé é o fio condutor que sustenta o crente diante do mal. No Salmo 91, o salmista declara: *“Direi do Senhor: Ele é o meu refúgio e a minha fortaleza, o meu Deus, em quem confio”*³⁸. Essa confissão não nasce da ausência de perigo, mas da confiança construída no meio dele. A fé é a entrega do controle, o reconhecimento de que Deus é soberano mesmo quando o sofrimento parece injusto.

N. T. Wright explica que a fé bíblica é marcada por *“esperança teimosa”, aquela que insiste em confiar mesmo quando não há garantias visíveis*³⁹. Essa esperança é o que sustenta o salmista a permanecer no “abrigo do Altíssimo” e o que move o cristão a permanecer firme em meio às provações. O apóstolo Paulo também expressa essa realidade quando afirma: *“Somos atribulados de todos os lados, mas não abatidos; perplexos, mas não desesperados”*⁴⁰. A fé não elimina a dor, mas impede que ela nos destrua.

A fé cristã *“é uma confiança ativa na fidelidade de Deus, mesmo quando a experiência parece contradizê-la”*⁴¹. É essa fé que transforma o sofrimento em espaço de amadurecimento. O sofrimento, quando iluminado pela fé, torna-se escola de dependência. O Salmo 91 mostra que confiar em Deus é permanecer sob suas asas, não fugir das tempestades.

Um exemplo prático dessa fé pode ser visto na vida do profeta Habacuque. Ele viu a injustiça se espalhando em Judá e clamou a Deus: *“Até quando, Senhor, clamarei por socorro sem que tu ouças?”*⁴². Mesmo sem entender o que Deus estava fazendo, ele decidiu confiar: *“Ainda que a figueira não floresça... mesmo assim, eu me alegrarei no Senhor”*⁴³. Essa é a essência da fé que o Salmo 91 propõe, uma confiança que persiste

³⁸ Salmo 91:2, NVI.

³⁹ WRIGHT, N. T. *Salmos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 24.

⁴⁰ 2 Coríntios 4:8, NVI.

⁴¹ ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 415.

⁴² Habacuque 1:2

⁴³ Habacuque 3:17-18

mesmo quando as circunstâncias são contrárias.

Na vida da igreja, vemos isso concretamente quando irmãos enfrentam doenças graves, perdas ou perseguições e ainda assim mantêm sua confiança em Deus. Eles não têm explicações para o sofrimento, mas têm uma certeza: Deus não os abandonou. Como diz o autor de Hebreus: "*Deus mesmo disse: 'Nunca o deixarei, nunca o abandonarei'*"⁴⁴. Por isso podemos dizer com confiança: "*O Senhor é o meu auxílio, não temerei*"⁴⁵.

Essa fé prática se manifesta na oração honesta, no lamento que clama a Deus, e na paciência que espera nEle. O Salmo 91 não nos ensina a negar a realidade do sofrimento, mas a enfrentá-lo com os olhos fixos em Deus. A verdadeira fé não é cega aos problemas, mas enxerga além deles, contemplando o Deus que está no controle de todas as coisas.

2.2 O lamento como expressão de fé

Ao contrário do que muitos pensam, o lamento não é sinal de falta de fé, mas expressão honesta dela. C. S. Lewis, em *Reflexões sobre os Salmos*, afirma que "*os salmos de lamento são uma das mais puras formas de oração, pois neles o homem fala a Deus com o coração despido*"⁴⁶. O crente que lamenta não rejeita Deus, ele o busca em meio à dor. O lamento é a linguagem da confiança ferida, mas ainda viva.

Na tradição bíblica, o lamento sempre teve lugar central. Os salmos de Davi, as orações de Jeremias e até as palavras de Jesus no Getsêmani ("*Minha alma está profundamente triste até à morte*"⁴⁷) mostram que Deus acolhe os gemidos dos seus filhos. "*A fé madura inclui a liberdade de questionar, chorar e esperar em silêncio*"⁴⁸. Essa perspectiva pastoral é vital para compreender o Salmo 91: o salmista não ignora a dor, ele a enfrenta debaixo da presença divina.

Santo Agostinho, em seus comentários aos Salmos, afirma que "*aquele que chora diante de Deus é mais forte do que aquele que se cala diante dos homens*"⁴⁹. O lamento, é a forma mais sincera de confiar. Ao lamentar, o crente reconhece sua fraqueza e reafirma a confiança na fidelidade do Senhor. Em um tempo em que a espiritualidade muitas vezes

⁴⁴ Hebreus 13:5

⁴⁵ Hebreus 13:6

⁴⁶ LEWIS, C. S. *Reflexões sobre Salmos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023, p. 17

⁴⁷ Marcos 14:34, NVI

⁴⁸ SAYÃO, Luiz. *O Problema do Mal no Antigo Testamento: O Caso de Habacuque*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 9.

⁴⁹ AGOSTINHO. *Comentário aos Salmos (101–150), Vol. 9/3*. São Paulo: Paulus, 2009, p. 48.

evita falar de sofrimento, o Salmo 91 nos lembra que a fé autêntica sabe lamentar com esperança.

Podemos ver isso claramente em quase um terço dos salmos, que são orações de lamento. O Salmo 22, por exemplo, começa com o grito de abandono: "*Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?*" As mesmas palavras que Jesus usou na cruz. Esse salmo, como muitos outros, não termina no sofrimento, mas se transforma em um hino de louvor pela libertação que Deus trará. Isso nos mostra um padrão importante: o lamento bíblico sempre caminha em direção à esperança.

Na prática da igreja, precisamos recuperar o espaço para o lamento. Muitas vezes, em nosso desejo de demonstrar fé, acabamos criando comunidades onde não é permitido expressar dor ou dúvida. Mas a Bíblia nos mostra que a verdadeira fé é aquela que consegue trazer toda a realidade da vida humana diante de Deus, inclusive a tristeza, a raiva e a perplexidade.

Quando enfrentamos sofrimentos profundos, como uma doença grave ou a perda de alguém querido, o lamento se torna uma linguagem espiritual essencial. Em vez de tentar "resolver" rapidamente a dor do irmão com versículos bíblicos, precisamos aprender a sentar-nos com ele no silêncio, permitindo que ele derrame sua alma diante de Deus, assim como fez Jó com seus amigos nos primeiros sete dias, antes que começassem a dar explicações erradas sobre seu sofrimento.

O Salmo 91, quando lido à luz dessa tradição do lamento, nos ensina que o "abrigo do Altíssimo" não é um lugar onde escondemos nossas emoções, mas onde podemos expressá-las com liberdade, sabendo que seremos acolhidos. A verdadeira proteção divina não nos torna imunes ao choro, mas nos dá um ombro seguro onde chorar. Como diz o próprio salmo: "*Ele clamará a mim, e eu lhe darei resposta; na adversidade estarei com ele*" (v. 15). Deus não se ofende com nosso lamento, Ele o espera e o acolhe.

2.3 A esperança que brota da presença de Deus

O Salmo 91 termina com uma das declarações mais consoladoras da Bíblia: "*Ele clamará a mim, e eu lhe darei resposta; e na adversidade estarei com ele, vou livrá-lo e cobri-lo de honra*"⁵⁰. Essa promessa aponta para o coração da teologia bíblica: a presença de Deus é o verdadeiro livramento. Mesmo que a dor não cesse, a presença do Senhor transforma o sofrimento em comunhão.

⁵⁰ Salmo 91:15, NVI.

“A esperança não é a negação da dor, mas a certeza de que Deus continua trabalhando em silêncio”⁵¹. Essa esperança é sustentada pela presença constante do Espírito Santo, que intercede “com gemidos inexprimíveis”⁵². O crente, então, encontra consolo não na ausência de tribulação, mas na certeza de que nunca está só. A promessa “na adversidade estarei com ele” é o centro teológico do Salmo 91, o Deus presente é o Deus protetor.

“Os salmos são orações que nos ensinam a viver entre o sofrimento e a esperança, antecipando a nova criação”⁵³. A presença de Deus não remove o sofrimento, mas o transfigura, porque o sofrimento, em Cristo, nunca é em vão. Assim como o salmista encontra abrigo nas asas do Altíssimo, o cristão encontra repouso na cruz e na ressurreição.

Essa verdade se torna ainda mais profunda quando lembramos que Jesus experimentou a solidão da cruz para que nós nunca mais precisássemos estar sozinhos em nosso sofrimento. Quando Ele clamou “Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?”, estava vivendo o abandono que nós merecíamos, para que pudéssemos receber a promessa: “Eis que estou com vocês todos os dias, até o fim dos tempos”⁵⁴. Por isso, o apóstolo Paulo pôde declarar com tanta convicção que nada “será capaz de nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus”⁵⁵.

Na vida prática da igreja, essa esperança se manifesta de maneira poderosa. Quando visitamos um irmão enfermo, quando consolamos alguém enlutado, ou quando simplesmente nos sentamos em silêncio com quem sofre, estamos testemunhando essa verdade: Deus está presente na comunidade. O “estar com” de Deus muitas vezes se concretiza através do “estar com” dos irmãos. Como diz o próprio Jesus: “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali eu estou no meio deles”⁵⁶.

O Salmo 91, não nos promete uma vida sem tempestades, mas nos garante um porto seguro durante a tempestade. A esperança cristã não está na eliminação imediata do sofrimento, mas na certeza de que Deus está conosco aqui e agora, e que no final Ele enxugará toda lágrima (Apocalipse 21:4). Enquanto esse dia não chega, podemos

⁵¹ SWINDOLL, Charles. *Vivendo Salmos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 14

⁵² Romanos 8:26, NVI

⁵³ WRIGHT, N. T. *Salmos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 25.

⁵⁴ Mateus 28:20

⁵⁵ Romanos 8:39

⁵⁶ Mateus 18:20

descansar na sombra do Onipotente, certos de que nenhuma dor é definitiva e nenhum sofrimento é em vão quando vivido na presença daquele que nos ama.

2.4 A prática pastoral da confiança

A teodiceia do Salmo 91 encontra sua aplicação mais concreta na vida comunitária. A fé que confia, lamenta e espera precisa se tornar prática. A igreja é chamada a ser refúgio para os que sofrem, espelho da presença de Deus na terra. O apóstolo Paulo exorta: *“Alegram-se com os que se alegram; chorem com os que choram”*⁵⁷. A comunidade de fé é o espaço onde a presença de Deus se torna visível por meio do cuidado mútuo.

Erickson ressalta que *“a igreja é o instrumento pelo qual Deus manifesta sua graça no meio do sofrimento humano”*⁵⁸. A teologia se torna viva quando se transforma em compaixão. *“A resposta ao sofrimento do outro não é um discurso, mas uma presença”*⁵⁹. Isso significa que o chamado pastoral não é oferecer explicações, mas encarnar a presença de Cristo ao lado dos que choram.

C. S. Lewis encerra sua reflexão sobre a dor dizendo que *“a felicidade de Deus é a meta; o sofrimento é apenas o meio”*⁶⁰. Essa frase resume o espírito do Salmo 91: Deus não promete ausência de dor, mas presença constante. A missão da igreja é viver e proclamar essa verdade, apontando para o Deus que transforma o vale da sombra da morte em caminho de esperança.

Na prática, isso significa que precisamos aprender a ser comunidade de uma maneira nova. Muitas vezes, quando alguém está sofrendo, nossa primeira reação é tentar explicar o sofrimento ou dar respostas rápidas. Mas o que as pessoas mais precisam não são palavras, mas presença. Como os amigos de Jó que, antes de começarem a dar explicações erradas, simplesmente se sentaram com ele em silêncio por sete dias (Jó 2:13). Às vezes, o cuidado pastoral mais profundo é saber calar e estar presente.

A igreja como "refúgio" significa criar um ambiente onde as pessoas podem ser honestas sobre sua dor. Um lugar onde é permitido dizer "estou com medo", "não entendo" ou "isso dói demais", sem receber julgamentos ou respostas prontas. Quando

⁵⁷ Romanos 12:15, NVI

⁵⁸ ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 417.

⁵⁹ SAYÃO, Luiz. *O Problema do Mal no Antigo Testamento: O Caso de Habacuque*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 10.

⁶⁰ LEWIS, C. S. *O Problema do Sofrimento*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 49.

cantamos juntos o Salmo 91, não estamos declarando que não sentimos medo, mas afirmando juntos que, apesar do medo, confiamos em Deus.

O testemunho mais poderoso que podemos dar como igreja não é mostrar que temos todas as respostas, mas demonstrar como continuamos confiando em Deus mesmo quando não entendemos o que Ele está fazendo. É mostrar que nossa fé é forte o suficiente para lidar com perguntas difíceis e emoções complicadas. Como Jesus na cruz, que mesmo sentindo-se abandonado, ainda se dirigia a Deus como "meu Deus".

A prática pastoral da confiança nos lembra que cada gesto de amor na comunidade, uma visita, uma refeição preparada, um abraço silencioso, é um sinal do cuidado de Deus. Quando nos comprometemos uns com os outros nas horas difíceis, estamos mostrando de maneira visível que Deus realmente está conosco na adversidade. A igreja se torna a prova viva de que o Salmo 91 não é apenas um texto bonito, mas uma realidade experimentada quando o povo de Deus vive como verdadeiro refúgio para os que sofrem.

A fé, o lamento e a esperança formam o tripé da espiritualidade cristã diante do sofrimento. O Salmo 91 ensina que a proteção de Deus não é ausência de adversidade, mas presença redentora. A fé confia, o lamento ora e a esperança espera. Na cruz, Cristo encarna essa verdade, e na igreja, ela continua viva. O Deus que prometeu estar conosco na adversidade é o mesmo que, um dia, enxugará dos olhos toda lágrima. Essa é a mensagem que transforma o sofrimento em comunhão e a dor em adoração.

4. CONCLUSÃO

O estudo do Salmo 91 revelou-se um exercício teológico e pastoral profundamente relevante para a fé cristã. Ao longo desta monografia, foi possível perceber que a mensagem do salmo vai muito além de promessas de livramento físico, trata-se de uma afirmação da presença fiel de Deus em meio ao sofrimento. A verdadeira segurança do crente não está na ausência do mal, mas na certeza de que Deus está com ele, sustentando-o e conduzindo-o com amor soberano.

No primeiro tópico, foi apresentada a natureza do Salmo 91 como um salmo de confiança, destacando-se a linguagem poética que comunica refúgio e segurança. A análise mostrou que as promessas de proteção não devem ser lidas de forma mágica ou mecânica, mas como declarações de fé que convidam o leitor à dependência de Deus. O salmista não promete uma vida sem dor, mas uma comunhão inabalável com o Altíssimo.

O tópico 2 tratou do problema do mal e da teodiceia cristã, explorando o desafio de conciliar a bondade e a soberania de Deus com a realidade do sofrimento humano. Autores como Santo Agostinho, Alvin Plantinga, Millard Erickson e C. S. Lewis contribuíram para a compreensão de que o mal é consequência da liberdade humana e que Deus, em sua sabedoria, é capaz de transformar o sofrimento em instrumento de redenção. O mal não tem a palavra final, porque Deus continua sendo o Senhor da história.

O terceiro tópico apresentou uma resposta de fé ao problema do sofrimento, destacando três atitudes fundamentais: confiança, lamento e esperança. A confiança expressa a entrega total nas mãos de Deus; o lamento reconhece a dor sem perder a fé; e a esperança aponta para a certeza de que a presença divina é o maior consolo. Nesse contexto, o Salmo 91 se torna uma confissão madura de fé: “*Na adversidade estarei com ele*” (Salmo 91:15). Essa promessa sintetiza toda a teologia do salmo e ecoa no ministério de Cristo, que assumiu o sofrimento para nos conduzir à vida eterna.

Esta pesquisa demonstrou que o Salmo 91 não é um amuleto espiritual, mas um chamado à confiança madura. Ele convida o crente a viver uma espiritualidade centrada em Deus, capaz de enfrentar a dor com fé, chorar com esperança e servir com compaixão. Para a prática pastoral, isso significa orientar os fiéis a compreenderem que a presença de Deus é mais preciosa do que a ausência do sofrimento. O verdadeiro refúgio está em Cristo, aquele que enfrentou o mal e venceu, garantindo-nos abrigo eterno sob suas asas.

Em tempos de tanta insegurança e dor, o Salmo 91 continua a ecoar como uma resposta bíblica e pastoral à teodiceia: “*Aquele que habita no abrigo do Altíssimo e descansa à sombra do Todo-poderoso pode dizer ao Senhor: Tu és o meu refúgio e a minha fortaleza, o meu Deus, em quem confio*” (Salmo 91:1–2). Que essa confiança inspire a fé da Igreja e continue a transformar corações feridos em testemunhas vivas da presença de Deus no mundo.

5. Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. *Comentário aos Salmos (101–150), Vol. 9/3*. São Paulo: Paulus, 2009.

ERICKSON, Millard J. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

- LEWIS, C. S. *O Problema do Sofrimento*. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- LEWIS, C. S. *Reflexões sobre os Salmos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.
- PLANTINGA, Alvin. *Deus, a Liberdade e o Mal*. São Paulo: Vida Nova, 2013.
- SAYÃO, Luiz. *O Problema do Mal no Antigo Testamento: O Caso de Habacuque*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- SWINDOLL, Charles R. *Vivendo Salmos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.
- WRIGHT, N. T. *Salmos: Contextos históricos, literários e espirituais para resgatar o significado do hinário do antigo Israel*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.